



POR UMA TEORIA LATINO-AMERICANA E DECOLONIAL DO JORNALISMO — CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE PARA O JORNALISMO LATINO-AMERICANO: O CASO DA REVISTA NOSSA AMÉRICA 2022

Alexandre Barbosa¹

RESUMO: Este artigo é a síntese da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida junto ao programa de Ciências da Comunicação da Unesp, campus Bauru, entre 2021 e 2022. Nesta pesquisa, as teorias do jornalismo que estudam os critérios de noticiabilidade foram vistas a partir dos estudos decoloniais. Estes estudos levam em consideração as marcas deixadas, na América Latina, dos processos coloniais que resultaram em sociedades que reproduzem a lógica colonial em diversas instâncias. A pesquisa de pós-doutorado propôs a atualização das teorias do jornalismo com apoio da bibliografia dos estudos decoloniais. Como estudo de caso, foi analisada a edição número 59 da revista Nossa América, publicação da Fundação Memorial da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: *Decolonialismo. Revista Nossa América. Teorias do Jornalismo. Jornalismo na América Latina.*

ABSTRACT: This article is the synthesis of the postdoctoral research developed in the Communication Sciences program at Unesp, Bauru campus, between 2021 and 2022. In this research, the journalism theories that study the selection criteria and construction of news were seen from the perspective of decolonial studies. These studies take into account the consequences of colonization in Latin America, which resulted in societies that reproduce the colonial logic in several instances. The postdoctoral research proposed the updating of journalism theories with support from the bibliography of decolonial studies. As a case study, issue number 59 of Nossa América magazine, published by Fundação Memorial da América Latina, was analyzed.

KEYWORDS: *Decolonialism. Nossa América Magazine. Journalism Theories. Journalism in Latin America.*

¹ Pós-doutorando em Ciências da Comunicação (Unesp/Faac/Bauru). Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP), Mestre em Jornalismo Comparado (ECA-USP), Especialista em Jornalismo Internacional (PUC-SP). Pesquisador e professor do Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura (CELACC-USP). Gerente de Assuntos Acadêmicos do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL) da Fundação Memorial da América Latina. E-mail: alexandre.barbosa1@unesp.br

INTRODUÇÃO

Os critérios de noticiabilidade são o conjunto de categorias utilizadas pela comunidade jornalística para selecionar e construir, entre os diversos fatos do cotidiano, aqueles que serão alçados à qualidade de notícias. As teorias do jornalismo estudaram esses critérios de noticiabilidade desde meados do século XX, tendo os teóricos portugueses Nelson Traquina e Jorge Pedro Sousa como os principais nomes que se dedicaram a explicar porque as notícias são como são.

A constatação que as notícias são um processo de seleção e construção e não um espelho dos acontecimentos foi o primeiro avanço no campo. O jornalismo, desde a Revolução Francesa, tende a construir perante a sociedade civil, a ideia de que é um espelho dos fatos.

Até hoje, a comunidade jornalística defende a teoria do espelho com base na crença de que as notícias refletem a realidade. Isso acontece porque ela dá legitimidade e credibilidade aos jornalistas, tratando-os como imparciais, limitados por procedimentos profissionais e dotados de um saber de narração baseado em método científico que garante o relato objetivo dos fatos.²

4

As teorias do jornalismo foram qualificando o entendimento sobre o processo de seleção e construção das notícias: desde considerações sobre a subjetividade do jornalista na teoria do Gatekeeper até análises sobre influência das normas organizacionais e das rotinas na produção jornalística. Até Jorge Pedro Sousa afirmar que, para entender por que as notícias são como são, seria necessário o cruzamento das ações empreendidas no fazer jornalístico, o que é, em síntese, um cruzamento das teorias do jornalismo sistematizadas até então:

As notícias são um artefato construído pela interação de várias forças: das pessoas, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história. Estes fatores, associados à definição que

² PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005, p.126

cada um dá aos valores-notícia, mostram porque as notícias são como são.³

Os valores-notícia são categorias nas quais a comunidade jornalística se baseia para definir quais fatos são, ou não, notícia. Para Jorge Pedro Sousa, fazem parte da ação social e foram categorizados inicialmente pelos noruegueses Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge. Nelson Traquina, posteriormente, faz uma nova sistematização e subdivide estes valores em critérios de construção e de seleção e esses ainda entre substantivos e contextuais.

Ou seja, para que um fato se torne notícia, há, primeiro, um processo de seleção que envolve a análise direta do acontecimento, depois, se o contexto permite ou justifica o esforço daquele veículo para transformar o fato em notícia. Depois, independentemente do tipo de mídia, há processos de redigir a notícia de maneira a torná-la mais próxima, mais relevante e mais atual.

Os critérios de noticiabilidade, incluindo os valores-notícia, muitas vezes, estão interiorizados na produção jornalística. Fazem parte do linguajar, das negociações da redação, são ensinados nos cursos de jornalismo e estão no hábito do jornalista de tal modo que muitos o usam sem nomeá-lo. Do ponto de vista das pesquisas no campo, a produção de Traquina é o amadurecimento dos estudos sobre o jornalismo e pode ser aplicada tanto para o jornalismo hegemônico como para análises do jornalismo alternativo.

No entanto, no caso da América Latina, o desenvolvimento e a consolidação bibliográfica dos estudos decoloniais incentivam um novo olhar sobre as teorias do jornalismo. Se o continente latino-americano está profundamente marcado pela lógica colonial (racista, machista e opressora), tanto nas relações cotidianas como na transmissão do conhecimento, o jornalismo, como atividade desta sociedade, também vai carregar os traços da colonialidade. Consequentemente, os estudos da produção

³ SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002, p. 16

jornalística que não levarem em conta aspectos tipicamente latino-americanos na análise correm o risco de reproduzir essa mesma lógica colonial.

Muniz Sodré entende que a indústria jornalística, principalmente na América Latina, soma-se na tarefa de manter o poder para as classes dominantes; afinal, a elas pertencem esses veículos de comunicação.

Esta tarefa [de manutenção do poder das classes dominantes] continuamente levada a cabo pela imprensa, tem requerido mitos progressistas capazes de encobrir o jogo de poder que preside à constituição do discurso jornalístico: toda uma parafernália de formas de homogeneização dos discursos sociais e de edição dos acontecimentos a partir de uma cultura eurocêntrica e colonial inerente ao nascimento da imprensa moderna. [...] A ideologia, no limite, assumida pela imprensa industrial como a conhecemos é universalmente burguesa e europeia, tecnicamente aperfeiçoada pelos norte-americanos. [...] As reformas gráficas e textuais dos jornais latino-americanos tiveram e continuam a ter como fontes, com raras exceções, os experimentos técnicos levados a cabo pela corporação jornalística nos Estados Unidos.⁴

O que se propõe, portanto, é que as teorias do jornalismo, ao se debruçar sobre a produção jornalística latino-americana, incluam categorias decoloniais de análise. Como exemplo, este artigo tratará do processo de seleção e construção de notícias para a produção da revista Nossa América número 59, publicação gratuita e estatutária da Fundação Memorial da América Latina.

1. AMÉRICA LATINA E OS ESTUDOS DECOLONIAIS

A pesquisa de pós-doutorado desenvolvida junto ao Departamento de Comunicação da Unesp, campus Bauru, está baseada em dois pilares: o conceito de América Latina como uma região de posicionamento geopolítico e que o processo de conquista empreendido pelas nações europeias forjou sociedades coloniais na América Latina que guardam mais semelhanças do que diferenças. E entre essas semelhanças está

⁴ SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009, p.12-13

uma região inserida como periferia na lógica capitalista, com elites, na expressão de Eduardo Galeano, “dominantes para dentro e dominadas para fora”.

A história do subdesenvolvimento da América Latina integra a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. A chuva que irriga os centros do poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes - dominantes para dentro, dominadas de fora - é a maldição de nossas multidões, condenadas a uma vida de bestas de carga.⁵

Para Alain Rouquié, uma das características que identifica os países latino-americanos é que são países que se encontram em vias de desenvolvimento e de industrialização — na melhor das situações —, são nações dependentes do mercado mundial como produtoras de *commodities* e consumidoras de tecnologia; e seguem, desde os processos de independência e do neocolonialismo, sob influência dos EUA.

A primera vista, nos hallamos frente a una América marcada por la colonización [...] que se define por contraste con la América anglosajona. [...] Todas esas naciones, cualesquiera que sean su riqueza y su prosperidad, ocupan en efecto el mismo lugar en la discrepancia Norte—Sur.⁶

7

A adoção do modelo primário-exportador baseado no escravismo produziu estruturas sociais violentas, que formaram sociedades racistas e machistas que multiplicaram desigualdades sociais, econômicas, políticas e étnicas. Esta estrutura social reflete a segregação de indígenas, negros, mulheres e pobres, como mostraram Fanon (1979) e Galeano (1982). Os processos colonial e neocolonial fabricaram, dentro da América Latina, regiões em que a integração cultural e política foram sabotadas ao longo da história, tanto pelas nações imperialistas, como pelas próprias elites locais.

Dennis Oliveira afirma (2021, p. 168) que “não há como falar do capitalismo dependente do Brasil excluindo o racismo como componente estrutural”:

⁵ GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 5

⁶ ROUQUIÉ, Alain. **América Latina**: introducción al Extremo Occidente. 2ª. ed. México, Siglo Veintiuno, 1994, p. 20-21

as raízes de tal dependência guardam íntimas ligações com estruturas da sociedade escravista. Isso é fundamental, pois **qualquer projeto de emancipação nacional passa necessariamente pelo enfrentamento do racismo estrutural**. [...] e a própria classificação racial foi construída para atender um objetivo político. [...] **É fato que a construção dessa situação de exploração do capital necessita de arcabouços políticos e ideológicos de sustentação**. [...] Defendo a ideia de que a matriz colonial de poder é o arranjo institucional do capitalismo dependente. Isso porque a classificação e hierarquização racial presente nessa matriz de poder estabelece condições diferenciadas de humanidade.⁷ (OLIVEIRA, 2021, p. 168-175)

No século XXI ainda permanecem na América Latina as marcas da herança colonial por meio do latifúndio, da escravidão, do mandonismo, das relações promíscuas entre a esfera pública e as elites dominantes, inserida perifericamente no capitalismo dependente e com sociedades marcadas pelo machismo e pelo racismo estrutural⁸.

Aqui persiste uma mentalidade e lógica dos latifúndios, cujos senhores viraram os coronéis da Primeira República, parte dos quais ainda se encastelam em seus estados, como caciques políticos e eleitorais. [...] Desde o período colonial, passando pelo império e chegando à República, temos praticado uma cidadania incompleta, muito patrimonialismo, várias formas de racismo, sexismo, discriminação e violência.⁹

As ações dos impérios coloniais e neocoloniais na América Latina construíram o racismo, o machismo e a violência contra as periferias como forma de apartá-las dos centros. Os racismos com os povos originários, com as populações pobres e as de matriz

⁷ OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021, p. 168-175

⁸ Para Sílvio Almeida, em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. Sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que, se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas (ALMEIDA, 2019, p. 32)

⁹ SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Cia das Letras, 2019. (Ed. Kindle)

africana fomentaram preconceitos, principalmente no âmbito da cultura e do conhecimento, o que levou ao menosprezo da produção cultural e intelectual latino-americana. Ou seja, mesmo após a formalização da independência política, as nações latino-americanas seguiram, como aponta Walter Mignolo, em um processo de colonização do conhecimento.

[...] las estructuras geopolíticas impuestas son constructos imperiales de los últimos 500 años. Si bien es cierto que ya no padecemos la dominación colonial abierta de los modelos español o británico, la lógica de la colonialidad sigue vigente en la 'idea' del mundo que se ha construido a través de la modernidad/colonidad. [...] Desde Bartolomé de Las Casas en el siglo XVI, hasta Hegel, en el siglo XIX, y desde Marx hasta Toynbee, en el siglo XX, los textos que se han escrito y los mapas que se han trazado sobre el lugar que ocupa América en el orden mundial no se apartan de una perspectiva europea que se presenta como universal. [...] Mientras que la civilización europea se dividió en culturas nacionales, la población del resto del mundo tenía 'cultura' pero no civilización. Los 'latinos' de América del Sur tenían una cultura, moldeada en parte en complicidad con los ideólogos franceses de la 'latinidad', pero no eran civilizados, pues las antiguas civilizaciones azteca, inca y maia ya estaban confinadas a un pasado olvidado. Eso llevó a que los 'latinoamericanos' fuesen considerados europeos de segunda clase que carecían de la ciencia y la compleja historia de Europa. Durante la Guerra Fría, esa imagen se extendió a todo el Tercer Mundo.¹⁰

Para Catherine Walsh (2017), as elites latino-americanas, desde a época da Conquista, têm empreendido o processo de submissão, expropriação e eliminação das classes populares e, conseqüentemente, da cultura popular produzida pelas classes populares latino-americanas.

Vilma Amendra nos recuerda cómo "con la instalación de la Conquista, de los señores de las guerras, de los comerciantes de la palabra, de los mercadores de la vida, de los saqueadores de los bienes comunes y de mucho más" empezaron los procesos y prácticas de sometimiento, desprecio, fragmentación, despojo, violencia, guerra y muerte. Son procesos y prácticas que continúan con las actuales "estrategias del proyecto de muerte: sometimiento con temor y guerra, sometimiento con captación y cooptación de los movimientos", dice Almendra, y "sometimiento ideológico para colonizar el territorio del imaginario [...]"

¹⁰ MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005, p. 15-22

para garantizar y legitimar el modelo económico del capitalismo al servicio de las transnacionales". Sometimiento, despojo y eliminación.¹¹

Diante do silenciamento, do apagamento e da expropriação dos saberes das classes populares latino-americanas, foram se desenvolvendo estudos e pesquisas que, ao contrário, colocavam esses saberes em primeiro plano. Foram chamados de estudos decoloniais e, para Catherine Walsh, têm como objetivo:

Buscar y trabajar hacia la configuración de otros espacios de análisis, intervención y producción de conocimientos [...]. De hecho, estos procesos han implicado la re-significación de lo que entendemos por “estudios culturales latinoamericanos”. Esta re-significación se diferencia con lo que muchas veces se ha referido como la “primera generación” de los estudios culturales en América Latina reflejada en los trabajos de Néstor García Canclini, Jesús Martín Barbero y Renato Ortiz, entre otros [...]. Es abrir un espacio de diálogo desde Latinoamérica [...] sobre la posibilidad de (re)pensar y (re)construir los “estudios culturales” como espacio de encuentro político, crítico y de conocimientos diversos.[...] En este sentido, los “estudios culturales” nombran un proyecto intelectual dirigido al (re) pensamiento crítico y transdisciplinar, a las relaciones íntimas entre cultura, política y economía y a las problemáticas a la vez locales y globales reflejo de la actual lógica multicultural del capitalismo transnacional y tardío[...]. También representan una fuerza para enfrentar las tendencias dominantes en las universidades latino-americanas [...] para adoptar y reinstalar perspectivas eurocéntricas del saber.¹² [...]

10

Ainda para Catherine Walsh, os estudos decoloniais:

Reflejan el interés de articular desde América Latina, pero en conversación con otras regiones del mundo, proyectos intelectuales y políticos que ponen en debate pensamientos críticos con el objetivo de pensar fuera de los límites definidos por el neoliberalismo y la modernidad, y con el propósito de construir mundos y modos de pensar y ser distintos.¹³

¹¹ WALSH, Catherine. **Pedagogias Decoloniales: practicas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo II. Serie Pensamiento Decolonial. Quito, Ecuador, 2017. (Ed. Kindle)

¹² WALSH, Catherine (org.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/ Ediciones Abya-Ayla, 2005, p.14-15

¹³ Idem

1.1 ESTUDOS DECOLONIAIS E AS TEORIAS DO JORNALISMO

À luz destes estudos decoloniais, propõe-se estudar os fenômenos do jornalismo também com o olhar decolonial e latino-americano, o que se configuraria numa teoria latino-americana e decolonial de jornalismo com as seguintes categorias:

- a) *Critérios de seleção e construção das notícias*: para selecionar entre os inúmeros fatos aqueles que se tornarão notícia, o principal valor-notícia é o **conceito amplo de América Latina**. O termo América Latina é compreendido como um posicionamento geopolítico e histórico, o que abarca mais nações latino-americanas do que a separação por línguas ou fronteiras.
- b) *Seleção de fontes*: uma das principais atividades jornalísticas é ouvir os relatos dos envolvidos nas histórias que serão reportadas. A proposta é que o jornalismo latino-americano, para não seguir legitimando o discurso colonial, enfatize as fontes que foram historicamente silenciadas: os povos originários, as camadas mais pobres, as mulheres, as populações LGBTQIA+ e os povos de matriz africana.

11

A indústria jornalística, principalmente no Brasil, tende a menosprezar e até a criminalizar a cultura popular latino-americana (BARBOSA, 2017), associando essa cultura com o atraso em relação ao centro do capital. Nesta ação, o racismo se aplacou sobre a matriz africana, operando, muitas vezes, o apagamento dos saberes e da cultura negra.

A história do negro no Brasil passa pela sua práxis negativa da condição de classe forjada pela escravidão colonial. Objetificado, o negro buscou sua humanidade na negação da condição de escravo, lutando contra a classe senhorial dominante e contra sistema de exploração imposto. Com fugido, quilombola, sua práxis, através das rebeldias e insurreições, foi o elemento negativo fundamental na dinamização do escravismo, na sua dialética. Esse elemento negativo foi amplamente deturpado pela classe dominante da sociedade pós-escravismo. A necessidade de criar uma sociedade coesa, com uma massa de proletariado subordinada, fez com que a classe dominante buscasse apagar a histórica do negro escravizado, constituindo a ideia de um

negro a-histórico, passivo e positivo dentro da sociedade escravista. Ou considerando como meras exceções as atitudes de resistências. (SOUZA, 2018, p. 225)

Na América Latina, além da população negra, as mulheres são as que sofrem mais as consequências deste apagamento das classes dominantes, pois “as mulheres em geral e especialmente as mulheres jovens, camponesas, indígenas e afrodescendentes não são apenas descartáveis, são também alvos de eliminação, subordinação, captura, silenciamento, banimento e desterritorialização diante do sistema trator-escavadeira-arastador do capital e sua matriz patriarcal moderna/colonial de poder (WALSH, 2017, Ed. Kindle).

Lélia Gonzalez, em 1988, afirmava: “dentro do movimento de mulheres, as negras e indígenas são testemunho vivo dessa exclusão”.

O feminismo latino-americano perde muito de sua força abstraindo um fato de maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região. Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho, sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas.¹⁴

12

Portanto, o jornalismo que se pretenda afirmar como decolonial e latino-americano parte dos seguintes valores-notícia:

- o conceito de América Latina é de posicionamento geopolítico e histórico e não fronteiriço ou linguístico;
- prioridade para fontes e autores que amplifiquem as vozes dos que foram historicamente silenciados na história latino-americana, como negras, negros e indígenas;

¹⁴ GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 142

- prioridade para a cultura popular latino-americana, aquela que gera ou reforça a identidade de uma comunidade.

Na 11a tese sobre Feuerbach, Marx diz que os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, mas a questão é transformá-lo. A pesquisa de pós-doutorado proporcionou que as discussões levantadas nesse artigo fossem debatidas na produção da revista *Nossa América*, edição 59, dedicada aos 200 anos da independência do Brasil. A seguir, serão vistos como estes conceitos apareceram na produção da revista.

2. REVISTA NOSSA AMÉRICA

A revista *Nossa América* é publicada pela Fundação Memorial da América Latina, sob responsabilidade do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, o CBEAL. Está no estatuto da Fundação e foi concebida pelo sociólogo brasileiro Darcy Ribeiro como uma das obrigações da instituição. O primeiro Conselho Editorial era presidido por Alfredo Bosi e dele faziam parte Antonio Callado, Augusto Roa Bastos, Darcy Ribeiro, Ernesto Sabato, Eduardo Galeano, Milton Santos, Leopoldo Zea, José Miguel Wisnik, entre outros importantes intelectuais latino-americanos. No rol de colaboradores, fizeram parte Antonio Candido, Gabriel García Márquez, Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, Celso Furtado, João Ubaldo Ribeiro, Juan Carlos Onetti, Cacá Diegues, Eric Nepomuceno, entre outros.

Desde 1989, a Fundação Memorial da América Latina publica a revista ininterruptamente¹⁵ e aborda, sob o viés cultural, as questões contemporâneas, sempre com o enfoque no subcontinente latino-americano, o que faz da revista *Nossa América* uma das mais antigas revistas culturais impressas ainda em circulação no Brasil.

Por ser uma revista ligada a uma instituição pública, a revista não segue a lógica de mercado da indústria jornalística. Não depende do índice de audiência para arregimentar verba publicitária, o que a torna diferente de outros veículos da indústria

¹⁵ Todas os números da Revista *Nossa América* podem ser lidos em: <https://biblioteca.sophia.com.br/6350/>

jornalística, mesmo os que se propõem a cobrir a pauta cultural. Também não é um veículo totalmente institucional, dedicado exclusivamente a fazer a propaganda institucional da fundação à qual está ligada, ainda que o faça indiretamente. Porém, é de se notar que há maior liberdade editorial do que em veículos do espectro da indústria jornalística.

A revista, atualmente, tem um conselho editorial que aprova as pautas sugeridas pela equipe do CBEAL. O Conselho é formado pela Direção do CBEAL, pela Diretor-Presidente da Fundação Memorial da América Latina, por dois representantes do Conselho Curador da Fundação Memorial, um deles indicado das três universidades públicas paulistas que compõem o Conselho Curador (USP, Unesp e Unicamp) e outro indicado pela FAPESP, órgão fomentador de pesquisas do estado de São Paulo. Também fazem parte do conselho o editor da revista, que é gerente de assuntos acadêmicos do CBEAL e o chefe da divisão de publicações do CBEAL.

A pauta da revista **Nossa América** é apresentada à diretoria executiva, que aprova em reunião e, em seguida, também é apresentada ao Conselho Editorial, que também aprova e faz observações em reunião registrada em ata. Portanto, do ponto de vista das rotinas organizacionais, a **Nossa América** também passa, a seu modo, pelos filtros de aprovação das instâncias superiores.

A revista não é um veículo alternativo, independente ou das classes subalternas. Porém, diante das condições singulares de produção, do histórico da publicação e da instituição a qual está, torna-se uma opção de informação alternativa ao público que tem acesso ao conteúdo.

*A corrente imprensa alternativa engloba o jornalismo alternativo praticado no contexto dos movimentos populares, ligada a organismos comprometidos com as causas sociais, mas com publicações de porte mais bem elaborado e com tiragens maiores [...] Desse modo, o que caracteriza esse tipo de jornal como alternativo é o fato de representar uma opção como fonte de informação, pela cobertura de temas ausentes da grande mídia e pela abordagem crítica dos conteúdos que oferece.*¹⁶

¹⁶ PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 136

A revista **Nossa América** tem grande responsabilidade. Pelo histórico dos intelectuais latino-americanos que passaram por ela, pela instituição a que está ligada e por se propor a ser essa fonte de informação sobre a América Latina. Por isso, repetir a lógica da indústria jornalística no processo de seleção e construção das notícias e não levar em consideração os estudos decoloniais neste processo seria reproduzir o colonialismo justamente no veículo que teria como objetivo problematizá-lo.

Desta forma, justifica-se a análise do processo de seleção e construção da edição 59, publicada em junho de 2022, da revista **Nossa América**.

3. SELEÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS NOTÍCIAS DA REVISTA NOSSA AMÉRICA 59

Por recomendação da Diretoria Executiva da Fundação Memorial da América Latina, a edição 59 da revista **Nossa América** teria como tema os 200 anos da independência do Brasil. Do Conselho Editorial, a única pauta com recomendação explícita era uma reportagem sobre a reabertura do Museu do Ipiranga, o que foi plenamente acatada, dado a pertinência do tema e a singularidade das obras no museu.

15

O desafio da equipe consistia em produzir uma publicação para tratar de uma efeméride brasileira dentro de uma publicação que tem como maior valor-notícia a América Latina. À parte os debates que tudo que é relacionado ao Brasil é também, por extensão, latino-americano, porque o Brasil é um país latino-americano, essa “América Latina ampla” precisa aparecer de forma mais explícita ao leitor.

Três critérios latino-americanos e decoloniais de jornalismo foram adotados:

1. o conceito de América Latina é o de posicionamento geopolítico e histórico e não só o fronteiriço ou linguístico;
2. prioridade para fontes e autores que amplifiquem as vozes dos que foram historicamente silenciados na história latino-americana, como negras, negros e indígenas;

3. prioridade para a cultura popular latino-americana.

A partir destes critérios, optou-se por uma pauta que teria os seguintes temas: as independências na América Latina; racismo estrutural; cultura e identidade nacional e machismo e feminismo. O objetivo era inserir as discussões sobre os 200 anos da independência do Brasil dentro do contexto latino-americano, principalmente com relação ao Haiti, cuja revolução de escravizados trouxe impacto nos demais processos de independência.

O próximo passo foi a busca de fontes. Autores que pudessem escrever artigos sobre estes temas ou que pudessem ser entrevistados. A principal fonte de busca foi a plataforma Lattes e a seleção de autoras seguia uma prioridade: mulheres negras ou indígenas, com pesquisas em universidades públicas, atuando em regiões diferentes da capital paulista, com publicações relevantes no tema. Nem sempre todos os critérios de seleção conseguiam ser atendidos, mas esta metodologia permite ampliar o número de vozes que escrevem no veículo e auxilia a ampliar os critérios de diversidade.

Dos 16 artigos que compõem o número 59 da revista Nossa América, do ponto de vista dos critérios latino-americanos e decoloniais de jornalismo, podem ser destacados:

16

“O Haiti, a escravidão e a Independência do Brasil”, escrito por Soraya Matos de Freitas, graduada, mestra e doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora no Ensino Médio da rede pública do Rio de Janeiro. Texto sobre a revolução de escravizados no Haiti. A ideia era mostrar que os acontecimentos no Haiti impactaram os demais processos de independência e libertação de escravizados.

“Três autoras brasileiras opacas e fugitivas contra a máscara branca da (in)visibilidade”, produzido pela mulher negra Sara Ramos, mestra em Literatura Comparada pela Unila. O texto, inspirado em Fannon, fala da apropriação dos saberes das mulheres negras e cita como exemplos Stella do Patrocínio, Carolina de Jesus e Maria Firmina.

“Os povos originários e o Estado, 200 anos de uma história inglória” é a apresentação de depoimentos, por meio de relato ou imagens, feito por indígenas das

nações Ka'apor, Guarani e Kaingang, convidados a se manifestarem sobre o que representavam, para eles, os 200 anos de formação do Estado Brasileiro.

“Por trás da mistificação, uma heroína da independência latinoamericana”, escrito por Lília Maria Silva Macêdo, mestra e doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ. Este texto reúne outros critérios decoloniais de valores-notícia: é mais um artigo que contextualiza a independência brasileira dentro de um processo maior das independências da América Latina; escrito por uma mulher, mostra como houve, ao longo da história, um apagamento da figura de Manuelita em relação à figura masculina de Bolívar.

Além destas, destacam-se também “As digitais negras do samba construíram nossa identidade cultural”, escrito pelo sambista e sociólogo negro Tadeu Kaçula, como exemplo de texto em que os diretamente envolvidos na cultura popular latino-americana se manifestaram e “A pintura e a construção das identidades nacionais na América Latina”, de Maria Lígia Coelho Padro”, como outra mostra de texto para mostrar as semelhanças que existem na história e na cultura latino-americana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos critérios de seleção e construção das notícias que compuseram a edição 59 da revista **Nossa América** não teve como objetivo fazer um laudatório da produção. Pelo contrário, pois de um veículo de comunicação ligado a uma instituição que tem como objetivo promover a integração latino-americana, espera-se que publicação contribua para este propósito.

Porém, como a Fundação Memorial da América Latina é um equipamento público e a integração dos povos latino-americanos pela arte, pela cultura e pela educação é uma política pública, todos os esforços que contribuam para efetivar essa política devem ser valorizados. Daí a importância de levar a pesquisa de pós-doutorado desenvolvida na Unesp para a prática da Fundação Memorial da América Latina, por meio da produção do número 59 da revista **Nossa América**.

Compreendendo que os critérios de noticiabilidade numa teoria latino-americana e decolonial de jornalismo são: utilizar o conceito de América Latina como de posicionamento geopolítico e histórico e não fronteiriço ou linguístico; dar prioridade para fontes e autores que amplifiquem as vozes dos que foram historicamente silenciados na história latino-americana, como negras, negros e indígenas e dar prioridade para a cultura popular latino-americana, pode-se concluir que a edição 59 problematizou a pauta sobre os 200 anos da independência brasileira dentro destes critérios:

- manteve o tom crítico e observador sobre os 200 anos da independência, ouvindo fontes das principais universidades do país;
- procurou trazer vozes silenciadas durante esse processo histórico ao propor as pautas sobre as mulheres invisibilizadas ou apagadas, a apropriação dos saberes de mulheres negras e com os relatos dos povos originários;
- inseriu o Brasil dentro da América Latina ao incorporar na edição artigos sobre José Martí, Manuelita Sáenz e Haiti. O Haiti, mais um exemplo do conceito amplo e geopolítico de América Latina.

18

Com a publicidade dos estudos por meio deste artigo, espera-se contribuir com outras publicações e pesquisas que também tenham como objetivo ter um olhar mais latino-americano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais

BARBOSA, Alexandre. **A solidão da América Latina na indústria jornalística brasileira**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2017.

BARBOSA, Alexandre. **A Comunicação do MST: uma ação política contra-hegemônica** / Alexandre Barbosa ; orientador Celso Frederico. - São Paulo, 2013. 239 f. : il. Tese (Doutorado)--Universidade de São Paulo, 2013.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

REVISTA NOSSA AMÉRICA. São Paulo, n. 59, 2022.

ROUQUIÉ, Alain. **América Latina: introducción al Extremo Occidente**. 2ª. ed. México, Siglo Veintiuno, 1994.

SANTOS, Theotonio dos. "Subdesenvolvimento e dependência". In. LÖWY, Michael (org). **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1902 aos dias atuais**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Cia das Letras, 2019. (Ed. Kindle)

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino de. **Terra, Trabalho e Racismo: Veias Abertas de Uma Análise Histórico Estrutural no Brasil / orientadora, Beatriz Augusto de Paiva**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2018.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009, p.12-13

WALSH, Catherine. **Pedagogias Decoloniales: practicas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo II. Serie Pensamiento Decolonial. Quito, Ecuador, 2017. (Ed. Kindle)

WALSH, Catherine (org.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/ Ediciones Abya-Ayala, 2005.